

## 4.

### OS CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA

Neste capítulo situo o leitor quanto aos caminhos trilhados na pesquisa desde a concepção do piloto até a pesquisa propriamente dita. Desse modo, pretendo apresentar a metodologia por mim utilizada, de forma que fiquem explícitos os motivos que levaram à escolha por alguns procedimentos em vez de outros.

#### 4.1.

##### O piloto da pesquisa: onde tudo se inicia

O piloto da pesquisa foi realizado por todo o segundo semestre de 2011. Nesse período observei na escola onde atuava uma professora considerada referência pela comunidade escolar: seus pares, responsáveis e orientadores. Essa professora atuava no 1º ano do Ensino Fundamental. A turma era composta por 19 alunos, sendo 11 meninos e 8 meninas, a maior parte deles com sete anos, à época da pesquisa.

A observação se deu uma vez por semana, sempre às segundas-feiras, por um período de duas horas. Tinha como objetivo observar as práticas da professora em relação à alfabetização e ao letramento, as interações com os alunos, questões relacionadas à disciplina e à gestão do tempo. Para isso, foi elaborado um protocolo de observação que buscava contemplar esses aspectos. Esse protocolo foi inspirado naquele elaborado por Albuquerque, Moraes e Ferreira (2008), embora o que fora proposto por esses autores contemplasse apenas aspectos relacionados às práticas relacionadas ao ensino da escrita alfabética.

A professora elaborava, a cada dia, uma agenda, indicando as atividades que iriam esperar realizar. Por isso, se disciplinava para que o tempo proposto por ela para cada atividade fosse cumprido. Com isso, desconsiderava os diferentes ritmos e várias vezes alguns alunos não conseguiam realizar as atividades. A pressão que o tempo lhe impunha era tanta que as atividades transcorriam sem muita reflexão dos alunos- ela não tinha paciência para que dessem as respostas. O que importava era que a agenda fosse cumprida.

Essa agenda era colada em um caderno específico para esse fim e, segundo a professora, servia para, além de ajudá-la na gestão do tempo em relação à realização das

atividades, informar também aos responsáveis sobre o que estava acontecendo na sala de aula, já que nem todas as atividades tinham registro no caderno, como a leitura que fazia para os alunos, a escrita com letras móveis, o bingo de letras, entre outras.

Enquanto observava a turma, realizei uma entrevista semiestruturada com esta mesma professora. A entrevista foi dividida em três blocos: no primeiro, conversamos sobre a sua experiência; no segundo, sobre o conceito de professora-referência e, no terceiro, sobre as suas práticas pedagógicas em relação à alfabetização. A entrevista, realizada no próprio ambiente de trabalho da professora, foi audiogravada e logo após transcrita e codificada.

A professora queixou-se acerca da sua formação inicial, afirmando que os professores falavam sobre o que não se podia fazer em relação à alfabetização, como o trabalho com a memorização, a cópia sem sentido, os exercícios de cobrir pontinhos, mas que não ensinavam como *fazer*. Assim, ela chegou à escola com as suas referências como aluna primária, o que viu na universidade (o que não podia fazer, que vinha de sua experiência como aluna) e ficou desesperada. Contava com sua intuição e só resolveu, em parte, essa situação, quando foi convidada a fazer uma formação promovida pelo MEC, o PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores). Aprendeu também na troca com os colegas nas escolas por onde passou assim como as orientadoras. As respostas da professora são um exemplo de como é frágil a formação dos professores recém-saídos da universidade e, ainda, como a literatura vem nos apontando, a importância de reconhecer a escola como ambiente formador do professor.

Realizei também algumas entrevistas semiestruturadas com os alunos. Os temas tinham como foco a sua apreciação da professora, a disciplina em sala, as atividades realizadas, as relações afetivas e a aprendizagem da leitura e escrita. Tentei primeiramente realizar entrevista individual com um aluno, porém as suas respostas eram, na maioria das vezes, monossilábicas ou curtas o que dificultava o diálogo profícuo entre entrevistadora e entrevistado. Decidi, então, realizar um grupo de discussão com cinco alunos. Talvez pela falta de experiência em saber conduzir os temas elencados para o debate, houve uma certa dispersão. Optei, desse modo, pela realização com quatro participantes, o que se mostrou bastante satisfatório. Todos os alunos que participaram primeiramente da entrevista e depois dos grupos de discussão foram escolhidos pela professora da turma

O objetivo de realizar este procedimento foi de verificar se o roteiro de perguntas estava adequado à faixa etária e se elas contribuíam para responder às minhas questões

de pesquisa. A entrevista individual foi audiogravada, mas os grupos de discussão foram vídeo e audiogravadas, somente para fins de transcrição. Após transcritas, as entrevistas foram codificadas.

Bastava ainda saber como iria selecionar as professoras-referência do município. Para isso, elaborei um questionário que no piloto foi enviado a cinco orientadores pedagógicos do meu círculo de amizade. Todos os questionários foram enviados via e-mail e tinham como objetivo principal que as orientadoras indicassem, da escola onde trabalham, uma professora considerada de sucesso na alfabetização e que justificassem o porquê dessa escolha, elencando ainda as práticas que consideravam mais eficazes. Desses cinco questionários, três orientadoras responderam que na escola delas tinha uma professora considerada de sucesso no trabalho com alfabetização.

Este questionário trouxe contribuições para a elaboração de um possível perfil de alfabetizador de sucesso. Além de selecionar as professoras-referência, as orientadoras indicavam algumas categorias de análise para a futura investigação, pois tinham que responder sobre as características de boas professoras alfabetizadoras e também sobre práticas consideradas eficazes<sup>1</sup>.

De acordo com as respostas, o viés técnico, ou seja, o conhecimento e a aplicação da metodologia de alfabetização pela professora é considerado importante pelas orientadoras, mas não é o único aspecto levado em conta para que a professora obtenha sucesso com os seus alunos. Outros aspectos precisam ser considerados, como por exemplo: as relações afetivas existentes na sala de aula, o comprometimento profissional, as expectativas em relação à aprendizagem dos alunos, o manejo de classe, o respeito aos alunos e a preocupação com a sua aprendizagem, entre outros.

Em relação às práticas pedagógicas citadas pelas orientadoras, percebi um certo privilégio de atividades que levam ao letramento dos alunos, em detrimento daquelas que levam à alfabetização no sentido estrito da palavra. Esse fenômeno já vem sendo fonte de preocupação de Soares (2003) há algum tempo e tem sido chamado por ela de *desinvenção da alfabetização*. Para a autora, um dos equívocos, ou falsa inferência, que o termo *letramento* nos trouxe a crença de que a alfabetização se dava de maneira quase que espontaneísta, sem o direcionamento do professor. Bastava inserir os alunos em um ambiente letrado que ele iria se alfabetizar. Sabemos hoje que essa prática não procede, pois para se alfabetizar é preciso que o aluno busque a relação letra/som e, em se tratando

---

<sup>1</sup> Ver anexo 1

de letramento, faz-se necessário refletir sobre uso e formas de textos que circulam socialmente. Por isso, sugere Soares (ibidem, 2005), é preciso reinventar a alfabetização, correndo todos os riscos que pode-se ter com esta postura. Faz-se necessário curvar a vara para o outro lado, buscando, desse modo, o equilíbrio entre práticas de alfabetização e práticas de letramento.

## 4.2.

### Questões de pesquisa e como tudo aconteceu

Após a realização do piloto da pesquisa, elaborei o projeto para apresentação ao Comitê de Ética da PUC-Rio, tendo o mesmo sido aprovado.

Nesta seção explico o desenrolar da pesquisa. Busco através dos procedimentos adotados responder às seguintes questões:

1) Quem são as professoras-referência? Como se caracteriza sua prática em sala? O que elas valorizam quando falam de sua prática?

2) São estas professoras reflexivas sobre a sua ação alfabetizadora? De que modo?

3) Como sua suposta qualidade se reflete no discurso de seus alunos?

4) Percebe-se evolução da escrita dos alunos no início e no final do ano? Se sim, como essa evolução se mostra.

5) Examinando os resultados obtidos nas avaliações dos alunos, eles se mostram compatíveis com os esperados de uma professora-referência?

#### 4.2.1.

#### A seleção das professoras-referência

Inicialmente, elaborei um questionário para ser preenchido pelas orientadoras pedagógicas ou pelas diretoras das escolas de Ensino Fundamental do município de Duque de Caxias (ver Anexo 1). O questionário pedia que o profissional identificasse uma professora que considerasse referência no seu desempenho com os alunos na aprendizagem da leitura e da escrita. Foram enviados um total de 142 questionários (o número total de escolas que atendem à turmas do ciclo de alfabetização).

O veículo de comunicação entre mim e a escola foi uma pasta de polionda que toda escola tem na Secretaria Municipal de Educação (SME). É nela que a SME coloca os seus avisos e ofícios a serem enviados à escola. Cada diretor passa no “canto das pastas”, pega os avisos, assina uma folha para acusar o recebimento dos avisos e ofícios

e os levam para a escola. Esse foi o caminho percorrido por meu questionário. O questionário foi acompanhado de uma carta de apresentação da pesquisa (ver Anexo 2). O combinado com a coordenadora da SME era que eu iria à sua sala recolher os questionários à medida que fossem respondidos.

Durante várias semanas visitei a sala da coordenadora para buscar os questionários. Algumas vezes, não tinha nenhum questionário respondido. Visitei ainda por mais de dois meses, quando percebi que tinha atingido o limite de respostas. A SME me entregou uma relação das escolas com os respectivos telefones. Selecionei as que atendiam ao ciclo de alfabetização e, depois as que trabalhavam com o segundo ano. Conteí com a ajuda de uma bolsista do Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Humano e Educação (Grudhe)<sup>2</sup> para telefonar para as escolas que ainda não tinham respondido ao questionário, pois até então tínhamos retorno de somente 38 das 142 escolas. Após os telefonemas, recebi mais 11 questionários respondidos, finalizando esta busca com um total de 49 escolas. Ou seja, obtive 35% de retorno.

#### **4.2.2.**

#### **A visita às professoras**

Após receber todos os questionários respondidos, passei a levantar um perfil de professoras que pudessem ser consideradas referência a partir das respostas dadas pelas orientadoras e diretoras e também das categorias que foram produzidas no piloto. Tinha como objetivo operar com professoras do 2º ano de escolaridade e de atender a todos os quatro distritos do município<sup>3</sup>. Isso diminuiu o número de possíveis candidatas.

Fiz a seleção de quatro professoras e passei a visitá-las, compartilhando com as mesmas os objetivos da pesquisa e os procedimentos que seriam utilizados. Uma das professoras não aceitou fazer parte da pesquisa, o que me levou a recrutar uma quinta, do mesmo distrito, que aceitou. Nessa mesma visita, as professoras leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo 3) e o assinaram. Assim, estava fechado o grupo de quatro professoras, todas do 2º ano de escolaridade e cada uma atuando em um distrito de Duque de Caxias.

Após a seleção das professoras, participei de uma reunião com os responsáveis dos alunos de cada escola. Expliquei a eles a pesquisa e quais seriam os procedimentos

---

<sup>2</sup> Coordenado pela Professora Zena Eisenberg

<sup>3</sup> O município de Duque de Caxias é dividido em quatro distritos: o 1º é o Centro, o 2º Campos Elíseos, o 3º Imbariê e o 4º Xerém.

utilizados. Entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo 4) e o li para eles. Todos os responsáveis demonstraram compreensão da pesquisa. Duas mães da turma da professora Diana decidiram por não assinar o termo logo após a reunião, preferindo levá-lo para casa, para pensar mais um pouco sobre a participação dos seus filhos na pesquisa. Depois trouxeram o termo assinado para a professora.

### 4.2.3.

#### Os participantes

Como já dito, participaram da pesquisa quatro professoras, cada uma de um distrito do município de Duque de Caxias e seus respectivos alunos. A tabela abaixo representa o número de alunos por turma, a quantidade de meninas e meninos em cada e ainda o turno no qual cada professora trabalha. Relaciono, a seguir, algumas informações referentes a cada uma das professoras.

Professora <sup>4</sup>	Nº de alunos	Meninas	Meninos	Turno <sup>5</sup>
<b>Cristina</b>	<b>23</b>	<b>13</b>	<b>10</b>	<b>2º</b>
<b>Paloma</b>	<b>24</b>	<b>10</b>	<b>14</b>	<b>1º</b>
<b>Luciana</b>	<b>24</b>	<b>16</b>	<b>8</b>	<b>1º</b>
<b>Diana</b>	<b>27</b>	<b>12</b>	<b>15</b>	<b>1º</b>

Tabela 1- participantes da pesquisa

**Cristina** tem 46 anos, trabalha na Escola Piauí há dez anos. Já atua há vinte e oito anos no magistério e, com alfabetização, já "perdeu a conta". Está à espera do tempo para se aposentar. Trabalha na mesma escola com os 2º e 5º anos e à noite é dirigente de turno em outra escola estadual. Está cursando Pedagogia à distância.

A professora trabalha em uma escola do 1º Distrito de Duque de Caxias. Essa escola tem 31 turmas, todas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. São 18 turmas do Ciclo e obteve um índice de retenção de aproximadamente 40%.

**Paloma** tem 32 anos, dez dedicados ao trabalho com alfabetização. Trabalha na Escola Pedro Salgueiro há nove anos, todos eles com alfabetização e, em outra rede, no

<sup>4</sup> Todas as professoras estão sendo tratadas na pesquisa por codinome, assim como as escolas onde trabalham.

<sup>5</sup> Em Duque de Caxias, algumas escolas funcionam ainda com o turno intermediário. Assim, quando me refiro ao 2º turno, falo de um turno que funciona de 11h às 15h.

turno da tarde, também com alfabetização. É formada em Pedagogia e tem Especialização em Alfabetização.

A escola onde Paloma atua atende a 1200 alunos, todos dos anos iniciais, distribuídos em 46 turmas. Dessas, 25 são do Ciclo. A média de reprovação neste segmento foi de 46%,

**Diana** tem 26 anos e trabalha desde os 18 na rede de Duque de Caxias. Este é o seu segundo ano na Escola Marcos Lucas. Tem cinco anos de anos de experiência com alfabetização. É formada em letras e tem especialização em alfabetização. Atua em outro município lecionando inglês para a primeira etapa do Ensino Fundamental.

A escola onde trabalha tem 513 alunos, todos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo desses, 238 do Ciclo. O índice de retenção nesta etapa foi o menor das escolas investigadas: 26,5%. Está localizada na zona rural do município.

**Luciana** tem vinte e nove anos e trabalha na Escola Trigueiro Machado há dois. Tem nove anos e meio de profissão e experiência de sete anos com ensino de surdos. Atua com alfabetização há três anos. Trabalha na mesma escola com o 3º ano de escolaridade. Fez o curso de formação de professores e hoje faz Licenciatura em Teatro.

A Escola Trigueiro Machado é uma escola localizada na zona rural do município e de difícil acesso, por isso os professores que lá trabalham recebem uma gratificação extra. Por conta da não existência de escolas próximas à comunidade que atendessem ao público do 5º ao 9º ano, o que fazia com que muitos alunos desistissem de estudar ao finalizarem o 5º ano, a escola passou a atender a este segmento de ensino. A escola possui 666 alunos, distribuídos em 27 turmas, sendo que dessas, 9 são do Ciclo. No ano de 2011 houve 62,5% de retenção no 3º ano do Ciclo.

#### **4.2.4.**

##### **A observação em sala de aula**

A observação em sala de aula teve início em junho e foi finalizada em novembro. Realizei observações quinzenais em cada turma, com quatro horas de duração cada uma. Os dias de observação eram sempre terças e sextas-feiras. Desse modo, se visitasse uma turma na terça-feira, só voltaria a visitá-la novamente depois de quinze dias. O mesmo acontecia com as observações realizadas nas sextas-feiras.

Utilizei um caderno de campo para registrar o que, de acordo com o protocolo de observação (ver Anexo 5), contribuiria para responder às minhas questões de pesquisa.

Todos os registros foram transcritos pelas componentes do Grudhe e codificados para análise posterior.

As observações transcorreram com tranquilidade. Procurei deixar claro para as participantes da pesquisa que o caderno de campo estava franqueado para consulta, caso assim desejassem. Entretanto, somente uma professora quis lê-lo, em um dia que aconteceu um episódio desagradável na sala de aula envolvendo uma responsável de um aluno. Ela quis saber como eu havia descrito este episódio. Ao perceber que eu não estava ali para julgá-la, mas para descrever o ocorrido, ficou mais tranquila com a minha presença.

O quadro abaixo detalha as datas das observações:

<b>Professora</b>	<b>Datas das observações</b>
Cristina	Junho-18, 29 Julho-03, 31 Agosto-17 Setembro-04 Outubro-03 Novembro-06, 27 <b>Total: 9 observações</b>
Paloma	Junho- 04, 29 Agosto- 03, 15 Setembro-11 Outubro-24 Novembro-09, 28 <b>Total: 8 observações</b>
Luciana	Junho- 14, 26 Julho- 06, 10 Agosto-29 Setembro-18 Outubro-09, 16 Novembro-13

	<b>Total: 9 observações</b>
Diana	Junho-05,19 Julho-08 Agosto-31 Setembro-25 Outubro-02, 31 Novembro-23 <b>Total: 8 observações</b>

**Tabela 2 – Total de observações por turma**

#### 4.2.5.

##### **Entrevistas com as professoras**

Buscando compreender como cada professora vem se constituindo como alfabetizadora, a avaliação que faz do seu trabalho, qual a sua concepção de alfabetização, dentre outros temas, realizei entrevistas semiestruturadas, já que essas, de acordo com May (2004), têm como característica o caráter mais aberto, em que o entrevistado pode falar livremente sobre o tema abordado. O roteiro da entrevista (ver Anexo 6) foi dividido em três blocos: (1) experiência/formação da professora, (2) conceito de professora-referência e (3) práticas pedagógicas.

Todas as entrevistas foram realizadas na própria escola onde as professoras trabalhavam e duraram em torno de trinta minutos. Em todas as escolas, um profissional ficava com a turma durante o período da entrevista.

As entrevistas foram audiogravadas. Para transcrevê-las contei novamente com a ajuda das participantes do Grudhe, que transcreveram três delas e eu uma. A revisão de todas foi feita por mim. Todas apresentaram boa qualidade de áudio, o que facilitou a transcrição. Após a transcrição, todas as entrevistas foram codificadas usando o software Atlas Ti<sup>6</sup>.

#### 4.2.6.

##### **As conversas com os alunos**

---

<sup>6</sup>Versão 06 (1993-2013)

As conversas com os alunos foram realizadas no mês de outubro em todas as turmas. Quatro alunos foram escolhidos pelas professoras. Minha única exigência era que eles tivessem uma boa oralidade e que a professora achasse que não iriam se envergonhar diante de mim, apesar de eu já estar frequentando a sala há alguns meses. As conversas correram bem, com exceção de uma, no grupo da professora Luciana, em que a escolha por um menino não foi acertada, pois ele se limitou a ficar de cabeça baixa, respondendo às perguntas de forma monossilábica ou concordando com o que as meninas falavam. Na sala de aula ele já demonstrava ser muito tímido, por isso poderíamos ter previsto que esta situação pudesse acontecer. Somente mais tarde percebi que as professoras Cristina, Luciana e Paloma tinham escolhido os alunos que se destacavam na aprendizagem, e que somente a professora Diana me deu a oportunidade de escolhê-los, o que não acontecera. Nesta turma, a professora seguia minha orientação de escolher alunos que se comunicavam bem.

Somente mais tarde percebi que as professoras Cristina, Luciana e Paloma tinham escolhido os alunos que se destacavam na aprendizagem, e que somente a professora Diana me deu a oportunidade de escolhê-los que não acontecera. Nesta turma, a professora seguia minha orientação de escolher alunos que se comunicavam bem. Abaixo, demonstro a quantidade de alunos e alunas de cada turma

Professora	# Meninos	# Meninas
Cristina	2	2
Paloma	2	2
Luciana	1	3
Diana	3	1

**Tabela 3 – Sexo dos alunos participantes**

As conversas foram videogravadas com o objetivo de facilitar a transcrição. Eram iniciadas com algumas perguntas sobre a rotina da escola, como forma de aquecimento. As perguntas tinham como objetivo saber sobre as representações dos alunos acerca da professora, as relações que eles estabeleciam no ambiente da sala de aula e a aprendizagem da leitura e escrita, entre outros (o protocolo completo da entrevista encontra-se no Anexo 7).

As conversas apresentaram algumas dificuldades adicionais. As crianças mantinham-se dispersas uma grande parte do tempo, ou falavam de outros assuntos, ou ainda respondiam de forma monossilábica a algumas perguntas. Outras vezes falavam ao mesmo tempo, apesar de constantes orientações. Isso dificultou bastante a transcrição, fazendo com que alguns trechos se tornassem praticamente incompreensíveis. Vale lembrar que já era previsto que seria difícil transcrever as conversas. Por isso, optamos pela videogravação.

Assim como as entrevistas com as professoras, as conversas também foram codificadas usando o software Atlas Ti.

#### **4.2.7.**

#### **Avaliação do desempenho dos alunos**

Como medida independente do desempenho dos alunos, trabalhei com amostras de escritas e também com a Provinha Brasil. Tanto um como outro procedimento tem como objetivo comparar o desenvolvimento dos alunos no que diz respeito à leitura e escrita no início e no final do ano. A escolha pelo segundo ano de escolaridade se deu principalmente pela possibilidade de comparar os resultados da Provinha Brasil, já que é neste ano que esta avaliação é aplicada.

##### **4.2.7.1.**

#### **Avaliação da escrita**

Logo no início da pesquisa pedi às professoras que me trouxessem escritas significativas de cada um de seus alunos, desde o início do ano até o período final de observação. Todas as professoras me entregaram escritas produzidas em momento de avaliação e organizadas ou em uma pasta ou em um caderno. Essa é uma proposta da rede ensino de Duque de Caxias. As professoras organizam uma tabela que mostra a evolução dos alunos em relação às hipóteses de escrita. Eventualmente a equipe da supervisão da SME vai à escola e quantifica os alunos de cada turma, também de acordo com as hipóteses de escrita do aluno ao longo do ano, representando, desse modo, um sinal da qualidade da professora. Os exemplos de escrita coletados foram fotocopiados e organizados em um arquivo.

No final das observações, novamente pedi escritas dos alunos. A ideia foi comparar o desempenho dos alunos no decorrer de um ano letivo: como eles começaram o ano? como estão indo para o 3º ano de escolaridade? São essas as perguntas que me guiaram ao me defrontar com as escritas dos alunos.

Devo dizer que a escolha das escritas apresentadas não ocorreu de forma aleatória; ao contrário, escolhi as que mostravam um pouco da evolução de cada aluno, o que, de certa forma, revela o trabalho da professora. Tenho clareza, entretanto, que esses dados são parciais e subjetivos, à medida que não apresento as escritas de todos os alunos, mostrando somente o que eu acho interessante para ilustrar a qualidade da professora-referência.

#### **4.2.7.2.**

#### **A Provinha Brasil**

A Provinha Brasil, segundo o MEC, é uma avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças do segundo ano de escolarização das escolas públicas do Brasil. Ela acontece em dois períodos distintos, um no início do ano letivo e outro no final, o que permite aos professores e gestores educacionais reconhecer o que foi agregado pelos alunos em termos de aprendizagem da leitura.

A avaliação surgiu em um contexto em que os resultados apontados pelo Saeb<sup>7</sup> indicavam baixo desempenho na leitura dos alunos. Ainda, buscando resolver este problema, foram tomadas várias medidas, como a implantação do Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação (que indica a necessidade de alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por exames periódicos específicos).

A 1ª edição da Provinha Brasil se deu em abril de 2008. Ela é elaborada pelo Inep e distribuída pelo MEC/ FNDE aos municípios brasileiros. A primeira versão da prova tinha 24 questões e uma atividade de escrita. No ano seguinte, para tornar a avaliação mais objetiva, essa atividade foi retirada. Atualmente conta com 20 questões que vão desde o reconhecimento de letras e sílabas até a compreensão de pequenos textos, alguns exigindo que os alunos já sejam capazes de fazer inferências e, ainda, a avaliação de matemática. A prova é aplicada e corrigida pelo próprio professor da turma.

---

<sup>7</sup> Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, criado no ano de 1990, que vem produzindo indicadores sobre o sistema educacional brasileiro.

Morais (2009) defende a instituição da Provinha Brasil, pois conhecendo seus resultados podemos ver como estão nossos alunos logo no início do seu processo de escolaridade e não postergarmos esse conhecimento para o final da 1ª etapa do Ensino Fundamental, com os exames do Saeb e a Prova Brasil. Desse modo, se torna mais fácil para o professor investir no que o aluno ainda não sabe e os gestores obterem melhores informações que os levem à formulação de políticas públicas específicas para alfabetização. Por isso, afirma, juntamente com Leal e Albuquerque que

(...) a criação do Provinha Brasil pode representar uma política importantíssima para a qualificação do ensino oferecido às crianças brasileiras (...) o diagnóstico precoce das aprendizagens dos pequenos alfabetizando não só cumpre uma inadiável necessidade de monitoramento das práticas de alfabetização em nossas redes públicas de ensino, como deve colaborar para a definição de políticas de formação continuada e de práticas de ensino inclusivas no interior da escola, através do atendimento eficaz às diversidades de ritmos e estilos dos alunos. (Morais, Leal & Albuquerque, 2009, p. 302).

Contrariamente a todos os discursos envolvendo o baixo desempenho dos alunos no final da primeira etapa do Ensino Fundamental, Gazolis (*apud* Moraes, 2009) acredita que o contínuo fracasso destes alunos não se dá porque chegam a esta etapa de escolaridade sem dominar o sistema de escrita alfabética, mas sim porque há pouco investimento em relação à competência leitora nas etapas posteriores. Desse modo, embasada em sua pesquisa envolvendo 1.890 estudantes de escolas públicas do Rio de Janeiro encontrou que quase a totalidade dos alunos tinha alcançado uma hipótese de escrita alfabética ao final do 3º ano de escolaridade. O que a autora sugere é que estes alunos estão sendo pouco ajudados depois de alfabetizados em relação às competências de leitura e compreensão de textos que circulam na escola e socialmente. Para ela, há pouca prevalência de atividades significativas envolvendo a leitura, pois o tempo gasto nas aulas é utilizado quase que exclusivamente por atividades metalinguísticas (Geraldí, 1997), fazendo com que o aluno separe as sílabas de palavras retiradas de um texto, grife os substantivos, entre outras.

Algumas críticas à Provinha Brasil são levantadas por estudiosos da alfabetização, inclusive por Moraes (2009), que defende a sua aplicação. Para ele, dentre outros aspectos, um dos mais preocupantes é considerar os acertos das crianças através de níveis. Segundo o autor, essas escalas não apresentam uma fundamentação teórica porque pressupõem uma gradação linear do nível de dificuldades. Desse modo, suporia que localizar informações em um texto seria sempre mais fácil do que realizar uma inferência, por

exemplo. Ainda para o autor, ao focar os aspectos quantitativos, o exame tira justamente o seu principal objetivo, qual seja, diagnosticar as habilidades que o aluno já desenvolveu e as que precisam aprender. Para o autor, é um erro fixar-se nesta escala. O principal seria pautar o ensino nos descritores que a Provinha Brasil apresenta.

Esteban (2009) também critica a avaliação, pois a entende como rígida e reducionista, não contemplando os aspectos socioculturais. A autora destaca ainda o caráter classificatório que impera na Provinha Brasil, ao mencionar os alunos em uma escala rígida, previamente determinada. Assim, afirma que esta avaliação é realizada através de técnicas de controle.

No município de Duque de Caxias, alguns professores questionam a Provinha Brasil, afirmando ser esta uma avaliação externa puramente técnica, que considera que os professores não sabem avaliar os seus alunos e, por isso necessitam de uma avaliação que venha de fora. Criticam ainda as atividades propostas na avaliação, considerando que algumas são sem significado para os alunos e outras são difíceis demais por exigirem outras estratégias de leitura além da decodificação, principalmente a inferência e a seleção, o que geralmente não é ensinado no 2º ano de escolaridade